

A LITERATURA DOS POVOS INDÍGENAS CANADENSES E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA LENDA E DA TRADIÇÃO ORAL

Eduardo de Souza Saraiva (Mestre em Letras pela FURG)

RESUMO

A tradição oral pode ser considerada como a base da transmissão do conhecimento de uma geração para a outra dentro das comunidades indígenas. Foi através das narrativas orais que os povos nativos mantiveram seus laços coesos e suas histórias em constante movimento. O objetivo da oratória indígena era transmitir as lendas, os mitos e as canções das comunidades, fazendo com que os aspectos culturais e identitários dos grupos fossem compartilhados e preservados ao longo do tempo. Contudo, as narrativas orais não eram moldadas para serem lidas, mas antes compartilhadas por meio de performances de contação de histórias. Ou seja, a literatura das sociedades ameríndias era uma literatura de caráter oral, idealizada e difundida pelos mecanismos da tradição oral. Assim sendo, o objetivo deste artigo é o de analisar duas lendas literárias: “The recluse” (“O solitário”) e “The lost salmon-run” (“A última pesca do salmão”) ambas presentes na obra *Legends of Vancouver* (1911), de Emily Pauline Johnson, levando em consideração o modo como a autora por meio do texto literário em um formato escrito resgatou o gênero folclórico lenda e a tradição oral para construir lendas literárias que espelham a performance oral.

Palavras-chave: literatura indígena, literatura canadense, tradição oral, lenda, Emily Pauline Johnson.

INDIGENOUS CANADIAN LITERATURE AND THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE THROUGH LEGEND AND ORAL TRADITION

ABSTRACT

Oral tradition can be considered as the foundation of knowledge transmission from one generation to another in indigenous communities. It was through oral narratives that Native Peoples kept their links cohesively and their stories in constant motion. The aim of indigenous oratory was to convey the communities' legends, myths and songs, in order to share and preserve the cultural aspects and the identity of those groups over time. However, oral narratives were not designed to be read, but rather shared through storytelling performances. In other words, the Native American literature was an oral literature, idealized and widespread by oral tradition mechanisms. Therefore, this article aims to analyze two literary works "The recluse" and "The lost salmon-run", both part of *Legends of Vancouver* (1911), by Emily Pauline Johnson, taking into consideration how the author, through written form of the literary text, rescued the folkloric genre legend as well as the oral tradition to build literary legends that mirror oral performance.

Keywords: Indigenous literature; Canadian literature; oral tradition; legend; Emily Pauline Johnson.

INTRODUÇÃO

O processo oral de contar estórias¹ e lendas objetivava a preservação dos aspectos culturais e da identidade dos povos indígenas. Além disso, a tradição oral era fator de inclusão entre os membros de uma comunidade, pois era através dos processos orais de ouvir estórias que as ações, os comportamentos, as relações, as práticas sociais, econômicas e espirituais passavam por transformações.

Foi através da oralidade que as lendas e os mitos de um povo foram compartilhados e transmitidos para os demais membros do grupo. Esses gêneros folclóricos são parte da tradição oral herdada pelos povos nativos canadenses pelo processo oral de contação de estórias de modo que a narrativa permanece viva, sendo transmitida entre as gerações de uma comunidade.

O processo colonizador tentou destruir a cultura dos povos indígenas, mas pela tradição oral, por meio da contação de estórias, ensinamentos, histórias de luta, aspectos do local, da natureza, da importância da ligação com a terra são compartilhados entre o narrador e o ouvinte/interlocutor e atravessam as gerações como forma de conservar os registros históricos dessas comunidades. Tendo o seu ponto de partida na tradição oral, a literatura dos povos ameríndios canadenses nasce no/do uso da língua em seu registro falado, sendo essa a característica primordial para compreender a literatura dos Povos Nativos.

O trabalho com as lendas literárias da obra *Legends of Vancouver* (1911) auxilia a compreender o resultado do processo de colonização dos espaços indígenas no Canadá. Pela tradição oral, pelas marcas da oralidade, pelo gênero folclórico lenda e pelo processo da contação de estórias, muitos aspectos do período de dominação canadense pelos

¹ A escolha pelo uso do termo estória ao longo da dissertação justifica-se para diferenciá-lo do vocábulo 'história'. No texto "Que história é essa? a escrita indígena no Brasil" (2003), de Lynn Mário T. Menezes de Souza, o autor apresenta três concepções sobre a escrita indígena, sendo elas: a estória transcrita, a história reescrita e a estória escrita. O primeiro conceito evidencia a apropriação do texto indígena que é transcrito, por exemplo, por viajantes ou antropólogos. Nestes casos, a voz indígena perde o seu espaço. O segundo conceito, o da história reescrita, surge para contestar a versão da história oficial. Isso acontece justamente pelo fato de os povos indígenas estarem produzindo o seu próprio discurso e, conseqüentemente, (re)escrevendo as suas estórias e a história, de modo a confrontar o discurso hegemônico. O último conceito engloba a escrita que é "declaradamente de origem indígena" (2003, p. 11). Aqui, a voz vem de dentro, sem a necessidade de intermediários, sem visões estereotipadas e versões distorcidas. São os autores indígenas, "escrevendo **de** e **para** a cultura dominante não indígena" (2003, p. 11) [grifos do autor], tomando, dessa forma, para si o discurso e o direito à própria representação, (re)construindo suas estórias e histórias. É devido a este último conceito, o de estória escrita, a opção pela utilização do termo estória.

ingleses são apresentados no texto de Pauline Johnson. Além disso, a obra traz a voz indígena como a produtora do próprio discurso através da produção literária.

Legends of Vancouver é um livro composto por quinze lendas literárias as quais, com duas ou três exceções, foram histórias que Johnson ouviu do Cacique Joe Capilano e da esposa deste e compilou os relatos compartilhados, transformando-os em um livro. A característica principal dos textos é a marca da oralidade, fio condutor que une o livro, e, também, o modo como a narração das histórias das gerações passadas, a lenda que é compartilhada, tem a função de transmitir o conhecimento e a manutenção das tradições ameríndias.

A partir dessas palavras iniciais, entende-se que a produção literária indígena não pode ser separada da tradição oral. As marcas da oralidade presentes nas escrituras indígenas são parte fundamental para compreender o fazer literário dos autores e autoras nativos. Não reconhecer tal característica na produção ameríndia é negar uma parte fundamental da essência dos textos indígenas.

A TRADIÇÃO ORAL

A formação de uma sociedade, e aqui se pode mencionar especificamente a formação das sociedades indígenas, estabelece as suas raízes a partir do discurso oral, do uso da palavra falada, sendo a escrita alfabética infligida muito tempo depois e por meio de violência. Através do tempo, as comunidades nativas lançaram mão dos processos orais para a transmissão de histórias, lições e outros conhecimentos.

A oralidade dos povos ameríndios poderia ser classificada como uma oralidade primária, termo proposto por Walter J. Ong (1998) em *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Ou seja, os indivíduos não utilizavam um registro alfabético escrito nos moldes ocidentais, de modo que a comunicação, os acordos, os sermões, as canções eram compartilhados oralmente. Como afirma Oring, a oralidade básica da linguagem é constante (1998, p. 15).

A tradição oral para as comunidades indígenas necessita de uma análise que vai além de considerar a fala como apenas a enunciação de palavras. Ela precisa ser concebida como um meio de construção e de reprodução de conhecimento, preservado e transmitido de

uma geração para outra por meio de rituais e performances de cada grupo, os quais são contextualizados. Para Renate Eigenbrod e Renée Hulan (2008):

As tradições orais constituem o alicerce das sociedades indígenas, conectando orador e ouvinte em uma experiência comum e unindo o passado e o presente na memória. Para entender a tradição oral como uma forma de conhecimento que molda o trabalho de autores e artistas indígenas, por exemplo, escutam-se as narrativas orais para saber como suas vozes podem ser ouvidas dentro de suas comunidades, bem como nas comunidades nas quais elas são recebidas² (p. 7).

As marcas da tradição oral estão presentes na produção literária indígena, e elas são fundamentais para assinalar a importância da oralidade nas comunidades ameríndias, que resgatam tal aspecto para deixar em evidência a sua identidade nativa em seus textos.

A narrativa oral foi a primeira ferramenta utilizada pelas Primeiras Nações³ como forma de perpetuar a própria história. A tradição oral dos povos ameríndios era baseada na transmissão das narrativas orais. Além disso, a tradição oral poderia ser considerada como fator de inclusão entre os membros de uma comunidade, conforme aponta Susan Berry Brill de Ramírez em *Contemporary American Indian literatures and the oral tradition* (1999), pois era através do processo oral de ouvir histórias que as ações, os comportamentos, as relações, as práticas sociais, econômicas e espirituais agiam e transformavam a vida das pessoas.

Um dos aspectos da tradição oral residia no modo de expressar as crenças, os códigos morais, os valores sociais, a preservação do conhecimento de sua própria história e cultura, além de fornecer uma visão de maneira a compreender como estava organizada a estrutura de seu grupo. Através desse processo de se reunir para ouvir as histórias, a comunidade permanecia coesa, uma vez que a experiência dessa tradição tinha por objetivo transmitir lições, ensinamentos e o poder transformador que as histórias carregavam. Lee Maracle em 'Oratory on oratory' (2007) aponta para este fato e ressalta a importância da contação de histórias até os dias atuais. Ela discorre que:

² Oral traditions form the foundation of Aboriginal societies, connecting speaker and listener in communal experience and uniting past and present in memory. To understand oral tradition as a form of knowledge shaping the work of Aboriginal artists and authors, for example, one listens to the oral narratives in order to know how their voices might be heard within the communities they come from as well as the communities in which they are received. Todas as traduções do original em Inglês foram realizadas pelo autor deste trabalho.

³ Sobre a nomenclatura utilizada para se referir aos habitantes das comunidades indígenas, no Brasil há os termos índio, indígena, ameríndio, povos originários, sendo o termo "povos originários" o mais aceito por identificar os povos indígenas como os primeiros a povoarem o território brasileiro. Com relação ao Canadá, há a utilização de termos como *Native*, *Aboriginal*, *First Nations*, *Indigenous*, *Indian*, sendo o termo *First Nations* (Primeiras Nações) aquele que mais se aproxima do sentido de Povos Originários.

O objetivo de ouvir (e agora ler) estória é investiga-la em si mesmo, examinar o contexto em que ela é contada, entender os obstáculos para ser o que apresenta, e depois ver a nós mesmos através da estória, isto é, transformar a nós mesmos de acordo com nosso entendimento e compreensão da estória⁴ (MARACLE in KAMBOURELI; MIKI, 2007, p. 55).

O ouvinte ao se identificar com a estória torna-se parte dela. Pela tradição oral, um link é construído entre os sujeitos de uma comunidade. A oratória indígena pode ser considerada desse modo, como um ato transformador da/na vida dos participantes, na qual é possível encontrar-se dentro da estória, ao mesmo tempo em que modificam a si e ao seu meio. É por meio do texto literário, em uma versão escrita, que a tradição oral indígena pode ser resgatada, analisada e re(atualizada), e é também, no texto literário, que duas tradições estão ligadas: primeiramente a oral, e, posteriormente, a escrita.

A LITERATURA INDÍGENA

A diversidade cultural que o Canadá oferece pode ser interpretada como o resultado da junção de diversos fatores, muitos dos quais chegam juntamente com os imigrantes. Algumas destas características podem ser de ordem política, econômica, geográfica e linguística. É possível afirmar a partir disso, que o multiculturalismo canadense está presente na literatura que é produzida no país.

Ao se pensar em literatura no Canadá, e, conseqüentemente, em uma história literária, é necessário que se remonte às experiências das *First Nations*, ou Primeiros Povos, termo utilizado para designar as nações indígenas do Canadá e reforçar sua presença no território anterior à chegada dos colonizadores, pois é com os grupos nativos que a formação de um sistema literário no hoje conhecido Canadá tem seu início.

As *First Nations*, ou Primeiro Povos, sempre residiram no espaço que hoje é denominado como Canadá. Muito anteriormente à chegada dos colonizadores franceses e ingleses e a sua proposta de exploração das riquezas, e posterior dominação da terra indígena, as comunidades ameríndias como as outras civilizações eram (e continuam sendo)

⁴ The point of hearing (and now reading) story is to study it in and of itself, to examine the context in which it is told, to understand the obstacles to being that it presents, and then to see ourselves through the story, that is, transform ourselves in accordance with our agreement with and understanding of the story.

organizadas em grupos coesos, os quais possuem suas próprias características, suas funcionalidades e suas regras.

De acordo com Richard J. Lane em *The Routledge concise history of Canadian literature* (2011), havia uma multiplicidade de grupos os quais estavam localizados em diferentes posições geográficas, em diversas regiões, o que permitia uma pluralidade de línguas faladas, de arranjos políticos e econômicos e de diferentes modos de vida. O autor aponta que as duas maiores populações ocupavam os espaços que atualmente são chamados de *Pacific Northwest* (Noroeste Pacífico) e *Southern Ontario* (Sul de Ontário).

Devido a essa diversidade de grupos, existiam em torno de cinquenta variedades de línguas, que pertenciam no mínimo a onze famílias de línguas distintas, como aponta Hartmut Lutz no texto “Aboriginal literatures in Canada: multiculturalism and fourth world decolonization” (2014). Conforme destaca Penny Van Toorn em “Aboriginal writing” (2004):

Cada sociedade tem suas próprias estórias, canções, oratórias, e rezas. Algumas foram mantidas em segredo dentro de círculos fechados de iniciados, outras eram conhecidas amplamente, mas realizadas apenas em ocasiões cerimoniais especiais, enquanto muitas circulavam livremente como parte integrante da vida cotidiana. Estes gêneros orais expressam crenças espirituais, codificam valores sociais e morais, preservam o conhecimento da história e da cultura, e fornecem estruturas para compreender como viver de acordo com determinados ambientes ecológicos⁵ (TOORN in KRÖLLER, 2004, p. 25).

Tais características podem ser apontadas, também, como argumentos que justificam a multiculturalidade canadense. Mesmo antes da invasão dos colonizadores, as comunidades indígenas, habitantes do local, já formavam grupos bastante plurais e com fortes laços que os uniam à terra. Ainda segundo Lutz (2014), o multiculturalismo e a variedade de línguas justificam uma produção plural da literatura ameríndia canadense, uma vez que não há uma literatura, mas várias manifestações literárias que correspondem à diversidade dos povos indígenas.

Por estarem conectados com o meio no qual viviam, as comunidades indígenas recuperaram esse vínculo, que estava profundamente enraizado, em sua arte. As formas

⁵ Each society has its own stories, songs, orations, and prayers. Some were kept secret within closed circles of initiates, others were known widely but performed only on special ceremonial occasions, while many circulated freely as an integral part of daily life. These oral genres express spiritual beliefs, encode moral and social values, preserve knowledge of history and culture, and provide frameworks for understanding how to live in accord with particular ecological environments.

artísticas as quais fazem parte da tradição das Primeiras Nações incluem atividades como: pintar o rosto e o corpo, confeccionar ornamentos e a própria indumentária. Além disso, compartilhar histórias, canções e orações eram atividades que estavam presentes nos grupos, e foi por este modo que os ameríndios se conectavam com a terra, com suas origens e com seus antepassados.

Dentre essas manifestações de arte, a literatura está presente e o modo pelo qual ela era inicialmente expressa dava-se por meio da tradição oral. Essa modalidade literária poderia ser definida como autônoma, descritiva, culturalmente coerente e não necessita da validação e/ou de seguir os parâmetros definidos pelo ocidente, como assinala Richard J. Lane. Ainda de acordo com o autor:

Paradoxalmente, a literatura canadense começa antes da existência de textos escritos: começa com as histórias orais dos Primeiros Povos do Canadá. Essas narrativas existem hoje na forma falada e escrita, com relatos simultâneos de diferentes grupos indígenas, e de outras perspectivas culturais [...]⁶ (LANE, 2011, p. 1).

Como discorre Richard J. Lane (2011), as narrativas de fundação podem ser apontadas como os primeiros textos literários dos povos indígenas, que eram transmitidas de forma oral. Estas narrações, mais do que marcar e enfatizar a presença e a posse dos indígenas na/da terra, servem também como forma de apresentar a perspectiva do ameríndio, fazendo com que a história e as histórias sejam contadas de dentro.

A literatura no Canadá tem início com as manifestações orais das Primeiras Nações, uma literatura oral que era compartilhada entre os membros da comunidade. Cada grupo possuía suas próprias regras, seus meios e modos de compartilhar essas narrativas. Esta literatura de tradição oral era transmitida na língua de cada grupo. Toorn assinala que “[...] histórias orais de tradição indígena têm suas próprias convenções de expressão e estrutura” (TOORN in KRÖLLER, 2004, p. 25).

Nas literaturas nativas orais, há sempre a presença do contador, geralmente a figura mais experiente do grupo, e os ouvintes necessitam ser dominantes do idioma do orador. A transposição das narrativas orais para a forma escrita perde muito de sua originalidade, pois durante a performance, o narrador dispõe de meios como, por exemplo, “[...] gesto corporal, mudanças na voz, e a reação do grupo, como o riso ou a surpresa, contribuem

⁶ Paradoxically, Canadian literature begins before written texts existed: with the oral stories of Canada's First Peoples. These narratives exist today in spoken and written form, with competing accounts from different indigenous groups, and from other cultural perspectives [...].

para a natureza performativa da contação de estórias” (LANE, 2011, p. 4), recursos que a escrita não é capaz de recriar completamente nas páginas dos livros.

A prática de contar estórias requer um contexto e uma comunidade que compartilhem os mesmos valores e crenças, a mesma língua e que confiem mutuamente em si. De acordo com Janette K. Murray no artigo “What is Native American literature?” (1985):

A literatura oral pode incluir mitos, lendas, sons e cantos, e também discursos. Além disso, a literatura oral era produzida e destinada para ser escutada por ouvintes que compartilhavam a língua e a cultura nativa⁷ (p. 155).

Resgatando também o pensamento de Jeannette Armstrong sobre esse ponto, a autora evidencia que:

Literaturas orais são performadas por contadores – pessoas reais que têm um lugar na comunidade – ao invés de apenas refletir a distância das palavras no papel. Contar estórias, nesse sentido aproxima a comunidade, de geração em geração, no conhecimento mútuo da terra e dos princípios que compartilham⁸ (ARMSTRONG in BEAVON; NEWHOUSE; VOUYAGEUR, 2007, p. 181).

Era pela transmissão do conhecimento e manutenção dos registros históricos que as literaturas orais se fundamentavam e se mantinham. É partindo dessa característica principal e primordial que a literatura indígena, em um formato escrito, precisa ser analisada. Como aborda Penny Petrone (1990), o registro oral é tão complexo e carregado de significado quanto a tradição escrita.

O contato que os indígenas têm com o seu meio é relevante para compreender o contexto de produção da literatura ameríndia. Tal ligação demonstra como as comunidades se relacionam identitária e culturalmente. A identidade indígena está presente na terra, e tais características são transpostas para a literatura, seja ela oral ou escrita. O respeito pela terra e a ligação com a mesma podem ser identificados, em princípio, nas estórias de criação, as quais eram compartilhadas pelas figuras das mulheres e dos homens mais experientes dos grupos, as *grandmothers* e os *grandfathers*.

⁷ Oral Literature can include myths, legends, songs and chants, and even speeches. Furthermore, the Oral Literature was composed and intended to be heard by listeners who shared the Native language and culture.

⁸ Oral literatures are performed by tellers – real people who have a place in community – rather than reflecting the distance of words on paper. Story ‘telling,’ in that sense, draws community together, generation to generation, in the knowledge of each other and of the land and the principles that they share.

AS FORMAS FOLCLÓRICAS: A LENDA

Um dos primeiros autores que iniciaram um processo de caracterização da lenda foi Jacob Grimm, por volta de 1865. A concepção inicial de Grimm sobre este gênero influenciou uma grande parte dos estudiosos da forma narrativa lenda, como destaca Timothy R. Tangherlini em “It happened not too far from here...?: a survey of legend theory and characterization” (1990).

Com o passar do tempo, a noção formulada por Grimm começou a sofrer modificações e novos conceitos foram surgindo, sendo estes agregados à sua proposta inicial. Em meados de 1950 e 1960, os estudiosos e pesquisadores começaram, então, a considerar outros fatores além daqueles já propostos anteriormente. Ou seja, os novos pesquisadores iniciaram o processo de incluir em suas análises questões que diziam respeito ao contexto de ocorrência da lenda e à performance, pontos que Grimm não havia contemplado em sua proposta primeira. Linda Dégh afirma que: “[...] descrições do contexto sociocultural foram incluídas nos requisitos para autenticar os textos” (2001, p. 301).

O contexto, o sentido, a forma e a estrutura da lenda estão associados ao motivo pelo qual uma pessoa a transmite, pois se não há uma motivação para a ocorrência e/ou perpetuação da lenda, os outros fatores perdem a sua função. Timothy R. Tangherlini evidencia que:

Ao contar lendas, os participantes abordam problemas psicológicos reais associados aos seus ambientes geográficos e sociais. No entanto, não são apenas medos, mas também desejos que são abordados. A lenda, portanto, representa simbolicamente experiências coletivas e crenças e expressa os medos e desejos associados aos fatores ambientais e sociais comuns que afetam os participantes tradicionais¹⁰ (1994, p. 19).

⁹ [...] sociocultural context descriptions were added to the requirements to authenticate the texts.

¹⁰ By telling legends, tradition participants address real psychological problems associated with their geographic and social environments. However, it is not only fears but also desires which are addressed. Legend, thus, symbolically represents collective experiences and belief, and expresses the fears and desires associated with the common environmental and social factors affecting the tradition participants.

Compartilhar uma lenda está intimamente ligado ao interesse comum do narrador e do ouvinte, principalmente pelo fato de eles participarem do mesmo grupo, dividirem o mesmo local de fala. O mesmo argumento é utilizado por Wilhelm Fritz Hermann Nicolaisen em “Legends as narrative response” (1984).

Para o autor, a lenda pode ser considerada como narrativa de resposta a um estímulo que é produzido pelo interesse mútuo do contador e do ouvinte. Nicolaisen argumenta que narrar é necessário ao ser humano como forma de transmitir/construir conhecimento e cultura. Ainda de acordo com o autor:

As lendas são acordos narrativos importantes compartilhados por um narrador e por um ouvinte no registro folclórico cultural, em resposta a certos estímulos comportamentais e a certas motivações e interesses negociados¹¹ (NICOLAISEN, 1984, p. 177).

Do mesmo modo, Sylvie Dion em “A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural” (2008) menciona que o discurso lendário, para além de ser uma narrativa com o objetivo de entreter os ouvintes, serve como forma de explorar os valores morais de um grupo, sendo desse modo um exemplo a ser seguido, um modelo de indivíduo. Tais aspectos serão apresentados e discutidos no momento de análise das lendas literárias de Pauline Johnson, nas quais é possível perceber estes pontos aqui apresentados.

Igualmente importante para a compressão do gênero lenda é a presença do/a narrador/a. O evento narrativo constitui-se de dois pilares, quais sejam o/a ouvinte e o/a contador/a que irá compartilhar a sua estória. Linda Dégh (2001) argumenta que a pessoa que narra é a peça fundamental para o processo da narração, pois sem o/a contador/a não haveria a estória, o público e nem o contexto. Ainda de acordo com a autora: “é em razão da pessoa que fala (e a quem alguém ouve) que existe um processo criativo e um produto - isto é, um texto¹²” (DÉGH, 2001, p. 207). A performance só acontece com a presença do/a contador/a.

Para Bertrand Bergeron, a união do narrador e do ouvinte em um contexto de performance narrativa forma o que o teórico denomina como cooperativa narrativa. A contribuição é mútua, sendo fundamental para o processo de contar estórias a presença do/a contador/a e de quem o/a ouça. O autor atribui o mesmo valor, tanto para a pessoa

¹¹ Legends are necessary narratives transactions shared by teller e listener in the folk-cultural register, in response to a certain behavioural stimuli and to certain negotiated motivations and interests.

¹² It is because of the person who speaks (and to whom someone listens) that there is a creative procedure and a product – that is, a text.

que conta, como para o público que ouve as estórias. Conforme destaca Bergeron, no momento em que a narração é concluída, a cooperativa narrativa se desfaz e é responsabilidade do ouvinte ser o multiplicador da estória que ouviu, “[...] ele contribuirá então para manter viva a tradição oral” (BERGERON, 2010, p. 43).

A figura do/a narrador/a é uma das que se destaca no momento da narrativa, pois durante o processo de contação das estórias todas as atenções estão voltadas para ele/a, seu modo de se expressar, a sua oratória, os seus gestos, a sua interação com os ouvintes se unem para que a sua performance seja coesa e coerente. Dégh ressalta que:

Neste ato equilibrado, os/as narradores/as são indiscutivelmente os principais agentes porque suas personalidades, suas psiques, prevalecem. É a voz do/a narrador/a que soa, seu estilo que molda os sentidos das palavras e das frases, e sua concepção que forja as unidades épicas em significados coerentes. Em outras palavras, o poder criativo dos/as narradores/as produz espontaneamente um enunciado único toda vez que contam uma estória¹³ (2001, p. 206).

Os/as contadores/as são pessoas sensíveis, as quais desenvolvem um papel relevante dentro da comunidade. São geralmente reconhecidos pelas suas habilidades de orador, frequentemente as funções de narrador de estórias são desenvolvidas pelos membros mais experientes do grupo, porém não é uma regra, sendo encontrado em muitas comunidades contadores/as que são pessoas mais jovens. Os/as narradores/as, como afirma Dégh (2001, p. 218) podem conter um vasto conhecimento e experiência em um determinado tipo de lenda, em uma área específica, além de desenvolverem um amplo repertório de lendas. Pelo fato de que é a estória que molda o/a contador/a e não o contrário, o/a narrador/a tem grande apreço por parte de seu grupo.

Associado à ideia da contação de estórias está outro aspecto importante o que diz respeito à performance. É através da performance que o/a contador/a compartilha a estória com o seu público. O ato de narrar não está reduzido apenas ao uso da voz, mas está muito além. Dell Hymes no texto “Breakthrough into performance” (1975) considera que a noção de performance é central para o estudo do folclore como ato comunicativo. O autor argumenta que a performance está situada juntamente com o seu contexto de ocorrência, não sendo possível desassociar o texto, a performance e o contexto.

¹³ In this balanced act, the narrators are the obvious primary agents because their personalities, their psyches, prevail. It is the narrator’s voice that sounds, his or her style that shapes words and sentences into sense, and his or her conception that forges epic units into coherent meanings. In other words, the creative power of narrators spontaneously produces unique utterance every time they tell a story.

LEGENDS OF VANCOUVER: DA TRADIÇÃO ORAL PARA A ESCRITA OCIDENTAL

Legends of Vancouver (1911) foi o terceiro livro publicado por Pauline Johnson, sendo o primeiro a conter exclusivamente texto em prosa. A edição de estreia do livro se deu de maneira privada e a história da elaboração de *Legends of Vancouver* pode ser considerada a mais complexa em se tratando das obras publicadas pela autora. Como destacam Carole Gerson e Veronica Strong-Boag (2002, p. xxii), o volume começou a ser idealizado a partir do Pauline Johnson *Trust Fund*¹⁴.

Dado importante dessas lendas literárias é que a primeira pessoa que dominava a língua inglesa a ouvir os relatos foi Emily Pauline Johnson, demonstrando mais uma vez a relevância da autora como a precursora da literatura indígena canadense. A versão final do livro conta com quinze lendas literárias, as quais trazem a lenda e as marcas da oralidade como forma de manutenção das histórias e da história de um povo, de transmissão do conhecimento e dos registros históricos para as gerações futuras de modo que a história do povo e do local permanecesse viva e de modo contínuo ao longo do tempo.

O conteúdo das lendas escritas em forma de texto literário surgiu a partir das conversas de Pauline Johnson com o cacique Joe Capilano e a sua esposa, Mary Agnes Capilano. Nos encontros, Joe Capilano tinha por hábito compartilhar as lendas da Nação Squamish na língua oficial. A própria Pauline Johnson destaca este ponto no prefácio da obra. Ela comenta:

Pelo fato de poder saudar o Cacique Capilano na língua do Chinook, enquanto estávamos ambos a muitos milhares de quilômetros de casa, eu devo a amizade e a confiança que ele tão espontaneamente me deu quando eu vim morar na Costa do Pacífico. Estas lendas ele me contava de tempos em tempos, de acordo com seu estado de espírito, e frequentemente destacava que elas nunca haviam sido reveladas a nenhuma outra pessoa falante de língua inglesa, além de mim¹⁵ (JOHNSON, 1911, p. vii).

¹⁴ Com relação ao *Trust Fund* ele se formou a partir de um grupo de amigos de Pauline Johnson que se reuniram com o intuito de arrecadar fundos para auxiliar a autora quando ela já estava bastante debilitada devido ao câncer de mama.

¹⁵ To the fact that I was able to greet Chief Capilano in the Chinook tongue, while we were both many thousands of miles from home, I owe the friendship and the confidence which he so freely gave me when I came to reside on the Pacific Coast. These legends he told me from time to time, just as the mood possessed him, and he frequently remarked that they had never been revealed to any other English-speaking person save myself.

A primeira vez que os dois se encontraram foi em Londres, Inglaterra, no ano de 1906, como é possível verificar no texto de Deena Rymhs “But the shadow of her story: narrative unsettlement, self-inscription, and translation in Pauline Johnson’s *Legends of Vancouver*” (2001). Rymhs salienta que Joe Capilano, o líder Squamish, estava em Londres como parte da delegação de caciques da Costa Oeste. Os grupos de líderes indígenas estavam lutando pelos direitos das terras indígenas no Canadá, as quais estavam sendo retiradas das comunidades ameríndias, entre outros assuntos concernentes à violência do governo canadense em relação aos povos indígenas.

É nesse contexto de luta pelos direitos que vinham sendo constantemente retirados das Primeiras Nações, que começam a surgir as estórias, as quais mais tarde seriam conhecidas como *Legends of Vancouver*. Para Deena Rymhs: “as estórias relatam o contato cultural, a colonização e a resistência, a luta pela manutenção da tradição da cultura diante da modernização e a atividade invasora do colonizador¹⁶” (2001, p. 53).

A edição final do livro conta com quinze lendas literárias escolhidas por Pauline Johnson, sendo que onze delas foram compartilhadas pelo próprio cacique Joe Capilano. As outras quatro lendas foram contadas por outras pessoas, inclusive por uma ‘grandmother’ da Nação *Iroquois*, reforçando com isso a importância da mulher indígena. Como o livro é composto majoritariamente pelas lendas que o Cacique Capilano contou à Pauline Johnson, era seu desejo que o título da obra refletisse a homenagem ao amigo. Entretanto, tal vontade não foi atendida, e devido a questões editoriais, a versão final da obra recebeu o nome de *Legends of Vancouver*.

O processo colonizador tentou destruir a cultura dos povos indígenas, mas pela tradição oral, por meio da contação de estórias, ensinamentos, histórias de luta, aspectos do local, da natureza, da importância da ligação com a terra são compartilhados entre o narrador e o ouvinte/interlocutor e atravessam as gerações como forma de conservar os registros históricos dessas comunidades.

As narrativas que serão analisadas a seguir são lendas em que se pode identificar aspectos do modo como as comunidades indígenas se comportam diante de determinada situação. Através dessas lendas, é explicado como as Nações, por exemplo, a Squamish e os Iroquois, tratam da questão do nascimento de gêmeos e do nascimento de meninos e meninas. Cada comunidade tem a sua maneira de receber esses acontecimentos, e por meio

¹⁶ The stories tell of cultural contact, colonization, and resistance, the struggle to maintain a culture’s tradition in the face of modernization and encroaching settler activity.

da lenda eles são apresentados e explicados. Duas lendas literárias fazem parte desta seção, sendo elas: “The recluse” e “The lost salmon-run”. Aqui há também lendas que são do tipo etiológica, fornecendo a explicação das crenças e dos costumes.

Igualmente como algumas das outras lendas literárias analisadas, “The recluse” tem seu início com a descrição da natureza, especificamente o rio Capilano. É nesse espaço que se encontram o contador, Joe Capilano, sua esposa e filha e o ouvinte da lenda. Antes da performance da lenda, há um diálogo introdutório entre o contador e o narrador/ouvinte, o qual tem o objetivo de apresentar ao leitor sobre o que irá versar a lenda a ser compartilhada.

Nessa conversa inicial, já se observa que cada um dos participantes da comunidade narrativa pertence a grupos distintos. O ouvinte é de origem Iroquois: “Nós, Iroquois, dizemos que as crianças gêmeas são como coelhos’, eu expliquei” (JOHNSON, 1911, p. 23). O contador por sua vez descende da nação Squamish: “[...] eu estava pronto para perguntar o que seu próprio povo, os Squamish, pensavam sobre este problema” (JOHNSON, 1911, p. 24).

Estabelecida a problematização, é instaurado o momento da performance. A partir de então, os gestos do contador se modificam, seu olhar encontra um ponto fixo nas águas do rio, e lá permanecem até a conclusão da contação. De acordo com a lenda indígena, em certo dia o grande cacique que liderava as tribos do norte recebeu a notícia de que sua esposa havia dado à luz filhos gêmeos. Na crença indígena, o nascimento de gêmeos dentro da comunidade era o prenúncio de que má sorte recairia sobre o grupo. A solução para tal problema, segundo as ordens do curandeiro da tribo, era que o pai deveria viajar sozinho para o interior da floresta, e lá deveria permanecer até provar ser mais forte que o mal e derrotá-lo.

Pronunciada a sentença pelo ‘medicine-man’, o cacique, portando consigo apenas seu melhor arco e sua flecha mais rápida partem em direção ao seu exílio, onde deverá permanecer pelo prazo de dez dias. Concluído o período, o grande líder não retornou, sendo declarado morto pela tribo. Entretanto, em seu confinamento, o cacique percebeu que o tempo que ele deveria ficar afastado era de dez anos. Ao final do décimo ano, a chegada de um pássaro gigante (denominado *Thunder-bird*) marca o fim do confinamento, como mostra o trecho a seguir:

Mas quando as batidas das asas negras cessaram e o eco de suas ondas de trovão morreu nas profundezas do cânion, o cacique Squamish surgiu como um novo homem. A sombra de sua alma se levantou, os receios do mal foram intimidados e conquistados. Em sua cabeça, seu sangue, suas veias, seus nervos, ele sentiu que o veneno da melancolia já não permanecia. Ele havia redimido sua culpa de ter filhos gêmeos; ele cumpriu as exigências da lei de sua tribo (JOHNSON, 1911, p. 24).

O término da lenda é o momento em que os filhos do cacique partem à procura do pai, pois em seus corações havia o sentimento de que ele ainda estava vivo. Ao encontrarem o pai no interior da floresta, os três, então, retornam para a tribo, pois o mal estava conquistado.

Concluída a performance, a narrativa retorna para o ponto de início, onde o contador e o ouvinte mantem-se em silêncio, eles estão observando o local, que no contexto da lenda é onde o grande cacique havia construído o seu acampamento e aguardado os dez antes de retornar: “O cacique falou novamente: ‘Foi aqui, neste lugar, onde estamos sentados, que ele construiu seu acampamento: aqui ele permaneceu os dez anos sozinho, sozinho’” (JOHNSON, 1911, p. 34).

A lenda literária em análise, além de resgatar o conhecimento e a percepção da Nação Squamish sobre o nascimento de gêmeos, ressalta a importância da relação dos indígenas com a natureza. É somente após o sinal que a natureza dá ao cacique, que este sabe que o mal foi derrotado: “Ele saberá através de um grande sinal na natureza a hora em que o mal for conquistado, a hora em que seu povo estiver protegido” (JOHNSON, 1911, p. 27).

Também observamos no texto a presença da dupla herança cultural de Pauline Johnson. Na conversa de introdução entre o contador e o ouvinte, que como ressaltado anteriormente, pode ser uma personagem baseada na própria Johnson, fica marcada sua convivência com os não indígenas: “‘Você esteve muito entre os brancos; o que eles dizem sobre gêmeos?’” (JOHNSON, 1911, p. 24). Além de marcar a origem de Pauline Johnson, demonstra também as marcas da oralidade no texto escrito.

Aspectos como a crença, a construção do conhecimento e a manutenção dos registros históricos também são questões presentes na lenda literária em análise. A troca mútua do saber entre o contador e o ouvinte fica evidente no momento em que ambos apresentam as percepções de suas comunidades sobre o nascimento de gêmeos. Sendo cada nação distinta da outra, logo a maneira de perceber tal fato será diferente, e é nesse ponto que o conhecimento se constrói. Ao compartilhar a lenda, o cacique Joe Capilano revela para o ouvinte uma parte do modo de pensar dos sujeitos da Nação Squamish.

A segunda lenda literária a ser analisada é “The lost salmon-run”, a única dentro da coleção compartilhada por uma contadora, possivelmente por Mary Agnes Capilano, que juntamente com Joe Capilano contava estórias para Pauline Johnson. O texto começa pela conversa entre o ouvinte e a contadora, denominada como Klootchman. Ambas encontram-se no rio, e mais uma vez é possível perceber a presença da natureza como uma personagem de destaque. É o espaço físico em que as duas estão que suscita, então, a narração da lenda.

Como observa-se nas outras lendas, há uma conversa inicial, marcas da oralidade, e então se instaura o momento da performance da lenda. O mote que dará curso à narrativa é a questão do nascimento de uma criança na tribo da contadora. Novamente há duas comunidades diferentes, que podem ser identificadas na pessoa da contadora e de seu ouvinte. A primeira pertence a uma tribo, que pode ser a Squamish, e a segunda pertence ao grupo Iroquois. Assim como nas outras lendas literárias apresentadas, aqui também será exposto o ponto de vista de dois grupos sobre determinado acontecimento. Na lenda a ser compartilhada, será demonstrado como a tribo da contadora prefere que o primeiro filho das mulheres da comunidade seja uma menina, o que não ocorre no grupo do ouvinte, sendo neste a preferência pelo nascimento de meninos.

Justifica-se a prioridade pelo nascimento de meninos e meninas da seguinte maneira: para a comunidade da contadora, o futuro e a longa permanência do grupo se deve ao fato de que serão as mulheres as futuras mães, as responsáveis por dar continuidade à tradição. Nesse sentido, é a figura feminina a de maior destaque dentro da comunidade, pois é por ela que a linhagem tem continuidade. Já para a tribo do ouvinte, que de acordo com a contadora prefere a guerra, o nascimento de meninos é o mais importante, uma vez que eles irão se tornar os futuros guerreiros da comunidade. Veronica Strong-Boag (1998) aponta para a importância que Pauline Johnson dá à representação e ao empoderamento da mulher nativa, especificamente na lenda literária em análise.

A partir disso, a lenda irá tratar de como a escolha dos membros de uma tribo pelo nascimento de um menino fez com que a pesca de peixe, “salmon-run”, fosse prejudicada. De acordo com a lenda, a esposa do “Great Tyee” estava grávida e era desejo do pai que a criança fosse uma menina. Entretanto, os habitantes da tribo exigiam o nascimento de um menino. Como um acordo não foi possível, todos os “medicine-men” foram convocados para consultar as divindades da natureza, e, então, decidir se a criança seria menina ou menino.

Concluído o conselho dos curandeiros, chegou-se à conclusão de que a tribo deveria escolher entre o nascimento de um menino ou a pesca de peixes abundante, pois ter os dois desejos atendidos faria com que as pessoas da comunidade começassem a ser arrogantes e egoístas. A escolha dos membros da tribo foi pelo nascimento do menino, o que acarretou na perda dos peixes, e conseqüentemente, a chegada da fome. Nesse ponto a performance é encerrada, a contadora volta para estado no qual estava antes do início da narração.

A narrativa retoma o diálogo entre o ouvinte e a contadora para que ambos façam considerações a partir do que foi contado. É devido à lenda, que a contadora celebra o nascimento de meninas em sua comunidade, pois isso significa uma colheita de peixes satisfatória: “Desde então, nossa tribo sempre recebe com prazer o nascimento de meninas – nós não queremos má colheita” (JOHNSON, 1911, p. 44). Percebe-se na lenda literária, a construção de conhecimento estabelecida. É a partir da narração que o ouvinte aprende sobre determinado aspecto da outra comunidade, de modo que a informação será compartilhada pelo ouvinte com outras pessoas, realizando assim o círculo da transmissão.

Ao finalizar a análise das narrativas que compõem a obra *Legends of Vancouver*, é possível perceber que as lendas literárias cumprem o papel de manter a transmissão do conhecimento. Por meio da performance da contação de histórias, o contador compartilha com seu ouvinte a sabedoria adquirida por meio dos processos orais.

Pauline Johnson recria por meio do texto literário o círculo de transmissão do saber. Ela vivenciou os ritos da performance oral, do compartilhamento de histórias, e através da escrita pode unir os traços da oralidade à escrita alfabética para desse modo difundir as lendas da Nação Squamish e da Nação Iroquois. É válido recuperar o pensamento de Beth Cuthand em “Transmitting our identity as Indian writers” (1985) para corroborar com os pontos anteriormente mencionados. Nas palavras da autora:

Nós viemos de uma tradição de contação de histórias, e como contadores nós temos a responsabilidade de sermos honestos, transmitindo nosso conhecimento de mundo para os outros... Nesse processo, há mais que apenas informação sendo transmitida: há energia, há uma força sendo transmitida do contador para o ouvinte e isso é o que é importante no ensinamento dos mais jovens sobre sua identidade. O que nós estamos fazendo enquanto escritores indígenas é levar essa tradição e colocá-la fisicamente no papel de modo a obter uma divulgação mais ampla dessas histórias, porque é realmente importante para nós, em termos de

continuidade, que nossa identidade e força sejam transmitidas de uma geração para outra¹⁷ (CUTHAND, 1985, p. 54).

É exatamente esse sentido que pode ser observado na obra *Legends of Vancouver*. Uma escritora indígena que por intermédio do texto em um suporte escrito resgata as marcas da oralidade na construção das lendas literárias. É possível dizer que Johnson faz um convite para que suas estórias sejam não somente lidas, mas também ouvidas, uma vez que a autora cria em suas narrativas a ambientação da performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso realizado ao longo do presente artigo teve por objetivo recuperar a importância da tradição oral como fonte da escrita ameríndia. É a partir dos saberes ancestrais, das palavras e das vozes ancestrais a matéria-prima que as autoras e os autores indígenas utilizam para a escrita de seus textos literários. Além disso, também objetivou-se resgatar e discutir as questões do gênero folclórico lenda como ponto que está presente na produção literária indígena.

Ao tratar da literatura de autoria indígena, mais especificamente a literatura indígena canadense, é fundamental levar em consideração que os primeiros povos habitantes do Canadá, muito anteriormente à chegada do colonizador, possuíam uma cultura com base na oralidade. Esse caráter oral estava muito distante daquele preconizado pelos moldes europeus, ou seja, a forma escrita.

Muitas das comunidades indígenas canadenses representadas geralmente pelos homens e mulheres mais experientes do grupo transmitiam suas estórias aos mais novos por meio dos rituais de contação de estórias. Esses eventos cerimoniais eram carregados de significação, de valores sociais e era por meio das narrativas orais que o conhecimento era construído, e, conseqüentemente, passado de uma geração para a outra. As estórias compartilhadas transmitiam as crenças, os valores sociais, e, também, preservavam o conhecimento e a cultura dos povos indígenas.

¹⁷ We come from a tradition of storytelling, and as storytellers we have a responsibility to be honest, to transmit our understanding of the world to other people.... In this process, there is something more than information being transmitted: there's energy, there's strength being transmitted from the storyteller to the listener and that is what's important in teaching young people about their identity. What we're doing as Indian writers is taking that tradition and putting it physically onto paper and getting a broader distribution of those stories, because it's really important for us, in terms of our continuing existence, that we transmit our identity and strength from one generation to another.

As formas escritas ocidentais, ou seja, a escrita alfabética, não foi em um primeiro momento a forma de expressão literária utilizada pelas Primeiras Nações. Foi por meio da oralidade que os povos indígenas contavam suas histórias, cantavam suas músicas, declamavam seus discursos e seus poemas, os quais eram produzidos em forma de sons e orações. O ato de escrever as histórias e as canções não pertencia à tradição indígena, mas foi a partir do contato com o europeu e com o processo de colonização que a prática de escrita por meio do alfabeto começou a ser imposta a essas comunidades.

A literatura indígena canadense em sua forma escrita contemporânea necessita desse modo ser analisada como uma evolução das tradições orais nativas. O formato escrito dos textos literários dos povos ameríndios precisa ser lido e avaliado por um viés muito mais complexo e antigo, o da tradição oral. É, então, possível considerar que a passagem da tradição oral dos povos originários canadenses para uma expressão aos moldes da escrita alfabética ocidental se deu com o processo de colonização dos espaços indígenas. A partir da chegada do “homem branco” com seus costumes e valores, a cultura indígena por meio da violência começou a sofrer com a tentativa de apagamento e em decorrência disso, a tradição oral, conseqüentemente, também, começou a se modificar, entretanto não foi completamente apagada.

Foi na materialidade linguística, sem, contudo esquecer-se de sua herança oral, que Pauline Johnson utilizou a sua voz e sua escrita como ferramentas de libertação. Através de seus textos literários, a autora de ancestralidade Mohawk deu início a um movimento de se colocar como mulher e, também, de dar visibilidade às outras mulheres indígenas. Pauline Johnson foi uma mulher que buscou mudanças em sua época.

Através da oralidade, as narrativas lendárias foram sendo passadas pelas gerações de modo a manter viva a tradição de um povo. As lutas, as conquistas e as perdas, os ensinamentos e as lições foram compartilhados por meio da contação de histórias. O papel transformador que essa prática de ouvir uma lenda proporcionava para os ouvintes foi uma importante ferramenta de manutenção dos registros históricos dos povos indígenas. Ouvir uma história, retirar uma lição e perpetuar esse conhecimento entre os membros do grupo era um dos objetivos da tradição oral, evitando desse modo que a história e as histórias do povo fossem esquecidas na memória das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Jeannette. *Aboriginal Literatures: A distinctive genre within Canadian literature*. In: BEAVON, Daniel; NEWHOUSE, David; VOYAGEUR, Cora. **Hidden in plain sight: contributions of Aboriginal peoples to Canadian identity and culture**. v.1. Toronto: University of Toronto Press, 2007. p. 180-187.

BERGERON, Bertrand. **No reino da lenda**. Tradução de Sylvie Dion e Danieli de Quadros. Cadernos do programa de Pós-Graduação em Letras da FURG (série traduções), v. 6, set. 2010.

DÉGH, Linda. **Legend and belief: dialects of a folklore genre**. Bloomington: University of Indiana Press, 2001.

DÉGH, Linda; VÁZSONYI, Andrew. **Legend and belief**. *Genre*, v. IV, n. 3, p. 281-303, set. 1971.

DION, Sylvie. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural**. Boitátá. n. 6, p. 1-13, ago/dez. 2008.

EIGENBROD, Renate; HULAN, Renée. *A layering of voices: Aboriginal oral traditions*. In: _____ (eds.). **Aboriginal oral tradition: theory, practice, ethic**. Michigan: Fernwood Publishing, 2008. p. 7-12.

HYMES, Dell. *Breakthrough into performance*. In: BEN-AMOS, Dan; GOLDSTEIN, Kenneth S. (eds.). **Folklore: performance and communication**. Paris: Mouton, 1975. p. 9-75.

JOHNSON, Emily Pauline. **Legends of Vancouver**. Vancouver: David Spencer, 1911.

LANE, Richard J. **The Routledge concise history of Canadian literature**. Nova York: Routledge, 2011.

LUTZ, Hartmut. *Aboriginal literatures in Canada: multiculturalism and fourth world decolonization*. In: SEPSI, Enikő. et al. **Indigenous perspectives of North America: a collection of studies**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 51-76.

MARACLE, Lee. *Oratory on Oratory*. In: KAMBOURELI, Smaro; MIKI, Roy (eds.). **Trans.Can.Lit: resituating the study of Canadian Literature**. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2007. p. 55-70.

MURRAY, Janette. **What is Native American literature?** Disponível em: <http://www3.brandonu.ca/cjns/5.2/murray.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.

NICOLAISEN, Wilhelm Fritz Hermann. *Legends as narrative response*. In: SMITH, Paul (ed.). **Perspectives on contemporary legends**. v.1. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1984. p. 167-178.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PETRONE, Penny. **Native literature in Canada: from the oral tradition to the present.** Toronto: Oxford University Press, 1990.

RAMÍREZ, Susan Berry Brill de. **Contemporary American Indian literatures and the oral tradition.** Tucson: University of Arizona Press, 1999.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Que história é essa? A escrita indígena no Brasil. In: SANTOS, Eloína Prati (org.). *Perspectivas da literatura ameríndia no Brasil, Estados Unidos e Canadá.* Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003. p. 123-137.

TANGHERLINI, Timothy R. "It happened not too far from here...": a survey of legend theory and characterization. **Western Folklore**, v. 49, n. 4, p. 371-390, out. 1990.

_____. **Interpreting legend: Danish storytellers and their repertoires.** Nova York: Routledge, 1994.

TOORN, Penny Van. Aboriginal writing. In: KRÖLLER, Eva-Marie (ed.). *The Cambridge Companion to Canadian literature.* Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 22-48.